

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 22 DE AGOSTO DE 1995

*Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Ministro de Estado de Ciência e Tecnologia, Ministro Israel Vargas; Demais Ministros de Estado; Senhor Governador do Distrito Federal, Doutor Cristovam Buarque; Senhor Presidente da Fundação Roberto Marinho, Jornalista Roberto Marinho; Senhor Presidente do Grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter; Senhores Parlamentares; Senhor Presidente do CNPq, José Galizia Tundisi; Senhores agraciados com o Prêmio Jovem Cientista; Senhoras; Senhores,*

Recentemente, em Assunção, no Paraguai, me pediram que expressasse, pelo Brasil, nossa satisfação por estarmos avançando no processo de integração no Mercosul. E me ocorreu, ao me referir à situação que nós vivemos no mundo contemporâneo, de globalização da economia, de paz de uma maneira mais ampla do que noutras épocas históricas e de imensas transformações científicas e tecnológicas, que nós, talvez, devêssemos viver com mais vigor, com mais alegria também, o momento presente. E, talvez precipitadamente, não sei, comparei o momento que nós estamos vivendo com a época do Renascimento. E digo isso porque

há uma tal tendência a não se ver as coisas, há uma tal tendência a deixarmos-nos ofuscar por luzes menores que, de vez em quando, é preciso que nos lembremos de que, efetivamente, a ventura da Humanidade passa por um período extremamente criador. Disse, há pouco, que os horizontes de paz são enormes. Há quanto tempo nós não víamos tantas possibilidades da manutenção da paz para a Humanidade? As transformações pelas quais o mundo está passando na nossa geração – e aponto para o jovem Roberto Marinho – são extraordinárias. Nós já assistimos a várias revoluções, do ponto de vista não apenas tecnológico, mas organizacional, o triunfo de valores como os da democracia, da liberdade; uma efervescência cultural imensa. E, muitas vezes, nós vivemos tudo isso como se não estivéssemos presenciando grandes transformações.

Costumo dizer, com certa maldade, que um dos nossos próceres viveu na França durante a Revolução Francesa, e, em sua correspondência, não há nenhum registro da Revolução Francesa. Porque os grandes momentos, muitas vezes, não são uma data marcada, um ato assinado. É um processo. E, nem sempre, quando se está vivenciando o processo, percebe-se a grandeza dele. Será que não estamos, nós todos, sendo vítimas dessa nossa incapacidade de ver as imensas transformações, as potencialidades que o novo mundo apresenta? Estamos somente chorando pelas mazelas que ele também causou? Será que nós não temos que balancear um pouco a nossa visão e reconhecer que temos uma potencialidade enorme e que, no centro desse renascimento, como no outro Renascimento, está a ciência? Está a cultura? Está o apogeu das artes? Com uma diferença: é que o Renascimento do passado tinha um modelo, que era o mundo greco-romano. Ele olhava para trás e queria renascer inspirando-se no passado. Nós não temos isso. Nós, de certa maneira, temos que ousar mais porque não temos modelos. Temos que criar modelos. Temos que inventar a história da humanidade do futuro sem nos reportarmos às histórias passadas, porque nós, hoje, temos um potencial muito maior, que desafia a nossa imaginação a criarmos formas de convivências superiores a todas aquelas que a humanidade já pôde vivenciar.

Ora, no centro disso está a ciência, e eu tenho satisfação de perceber que, nós brasileiros, estamos envolvidos nesse processo.

O Ministro Israel Vargas acaba de corrigir um dado que ele mesmo me havia fornecido há dez dias sobre a ISO 9.000. Desde que eu era Chanceler que eu repito essa do ISO 9.000 pelo mundo afora, não para criar constrangimento a outros países em desenvolvimento, mas para nos dar, a nós próprios, mais auto-estima. Hoje, já são 807 empresas que têm esse certificado; são 100.000 brasileiros envolvidos num programa de qualidade total. No Japão, quando eu era Chanceler, os japoneses me disseram que, depois do Japão, o Brasil era o país onde esse movimento mais crescera. E nós aqui choramingando. Como me custou dizer que não éramos mais um país subdesenvolvido, que somos injustos, mas não subdesenvolvidos. Aqui, choramingando e, lá fora, já se estava começando a reconhecer que isto é uma sociedade que está se renovando. Não é o Governo, não é o Presidente, não são os Ministros. Nós apenas ajudamos quando podemos. É o País que está se renovando. Está aqui a renovação, está aí presente, corporificada em quatro pessoas, que, hoje, nós temos o prazer de premiar. E, como esses quatro, há milhares. Quem sabe um dia haverá milhões.

Ainda semana passada, fui a São José dos Campos, à Embraer, para ver um vôo de um primeiro avião de jato puro feito no Brasil. Depois, entrei no avião – ainda em solo, sem dúvida: foi depois que ele voou. Valia a pena entrar, a máquina era toda como se fosse uma UTI, cheia de fios por todos os lados, registrando cada pormenor do que acontece no avião. Vai levar um ano para que possamos ter o certificado de homologação de que o avião pode voar.

Tudo feito por brasileiros. Brasileiros, gente ligada no mundo, com a ajuda de italianos, de espanhóis, de americanos, porque o mundo moderno é assim, como foi o Renascimento, em que as pessoas rompiam as fronteiras do seu país. Porque os países sufocam muitas vezes o espírito, e é preciso que haja uma aeração. Mas produzida aqui, lá na Embraer. E lá eu disse – e não vi registrado na imprensa, não me queixo – que eu podia anunciar, naquele momento, que o Brasil dispunha de autonomia tecnológica para o Veículo Lançador de Satélites–VLS. Os que sabem das coisas, sabem o que significa isso, o enorme avanço tecnológico que significa dizer que nós somos capazes de lançar fogue-

tes e que nós temos essa tecnologia. Foi a primeira vez que se disse isso, porque era a primeira vez que se reconhecia o fato. Mas eu acrescentei, também, que o Presidente da República se empenhava de público em que esses conhecimentos tecnológicos seriam utilizados para a paz; que o Brasil jamais se comprometeria a utilizar essa tecnologia para a guerra e que o Brasil estava adotando os passos necessários para que, no âmbito internacional, pudéssemos nos integrar aos organismos controladores dessa matéria; e que o Governo já havia enviado ao Congresso uma lei pedindo que houvesse controle da exportação de material sensível.

Tudo isso é um novo país, um país que fala como gente grande, porque somos. Diz: “Olha, nós temos tecnologia, sim. Nós sabemos fazer.” Mas nós vamos fazer dentro das normas da nova ética da Humanidade, em que a Humanidade é o sujeito. Não é sequer a classe, não é sequer a nação. É algo mais amplo. Temos responsabilidades como cientistas e como políticos. Respondemos perante a Humanidade. E o Brasil dispõe de tecnologia e vai usá-la para a paz.

É um novo Brasil este que está aqui. Ou que está nos laboratórios, que está nas empresas. E me agradou ouvir o Dr. Gerdau dizer que são trezentas empresas envolvidas nesse movimento, e as fundações, como a Roberto Marinho, que aqui está. E o fato é que nós, na nossa escassez de recursos, também estamos tratando de empurrar.

Eu disse, e repito hoje, que, pela primeira vez, no ano passado, nós ultrapassamos o umbral dos 500 milhões de reais para o CNPq; e que, este ano, vamos crescer; e que o Ministério da Ciência e Tecnologia superou o 1 bilhão de reais. É tão pouco. Mas, para nós, é muito. Sabe o Dr. Jatene, que aqui está, que esse negócio de 1 bilhão é difícil.

Mas o fato é que nós estamos ultrapassando 1 bilhão. Não é nada. Mas vamos passar de 0,7% do PIB para 1,5% do PIB. É esse o nosso programa em todas as áreas da sociedade brasileira. E o Governo não se aparta disso.

Nós estamos mudando as coisas. Nós estamos vivendo uma revolução silenciosa. E é preciso que nos apercebamos disso, para que não passemos à história como quem não viu nada. “Estava presente, mas fiquei só chorando, fiquei só lamentando, fiquei só vendo coisinhas

pequeninhas e fazendo da poeira nuvem.” Não. Aqui, nós temos que ver grande. E ver grande não implica não ser humilde. O Governo tem que ser humilde diante do cientista; o Governo tem que entender que essas pessoas que avançam merecem o nosso respeito e o que se faz é muitíssimo pouco; e que elas se movem pelo impulso, que lhes é próprio, de querer melhorar, de querer avançar.

No ano que vem, vamos avançar num outro domínio, que é o domínio da agricultura. Fundamental para o Brasil. Fundamental. Nós não teremos condições de nos lançarmos ao grande horizonte, que eu creio que está aberto para nós, da competição internacional, nesse novo mundo que está sendo conformado para as transformações já ocorridas, se não formos capazes de uma produção agrícola competente e competitiva. E isso não se faz senão dando apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico, na formação de novas sementes, de novas formas híbridas, de poupança – no que diz respeito aos insumos que são necessários para a agricultura –, de apoio do Governo, como faremos já nesse programa que estamos mandando; de reforma tributária, de desonerar a agricultura. Isso vale mais do que baixar juros. Embora eu queira baixá-los também. Mas é preciso ir nas questões fundamentais, que são essas de que tratamos esta manhã. São as questões que dizem respeito a como se progride revolucionando modos de produzir, modos de conhecer, modos de organizar o País.

Então, se me permitem, quero agradecer mais uma vez à Fundação Roberto Marinho, ao Dr. Gerdau, ao CNPQ, ao Ministério de Ciência e Tecnologia, a todos que aqui estão, mas muito especialmente aos jovens cientistas.

Gostei muito da definição de que jovem é até 40 anos. Está bem! Ao agradecer, realmente com muito entusiasmo, a todos eles, quero dizer que, enquanto eu puder, como Presidente da República, enquanto eu estiver com a energia de que disponho – e é bastante, não tenham dúvida –, contarão comigo para que nós, juntos, construamos esse mundo renascido, esse mundo que se abre, realmente, com um horizonte, não digo de grandeza, porque a palavra é ruim, mas de felicidade para os nossos povos.

Muito obrigado.

